



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

ITAMAR MATEUS MUNIZ DE MELO

**HOMENS NA LITERATURA BRASILEIRA: MASCULINIDADES ORA
NEGADAS, ORA INCORPORADAS**

**CAMPNA GRANDE – PB
2019**

ITAMAR MATEUS MUNIZ DE MELO

**HOMENS NA LITERATURA BRASILEIRA: MASCULINIDADES ORA
NEGADAS, ORA INCORPORADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Doutor Antonio de Pádua Dias da Silva.

**CAMPNA GRANDE – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528h Melo, Itamar Mateus Muniz de.

Homens na literatura brasileira: masculinidades ora negadas, ora incorporadas [manuscrito] / Itamar Mateus Muniz de Melo. - 2019.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva ,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Literatura contemporânea. 2. Teoria comportamental. 3. Gênero.
4. Masculinidade. I. Título

21. ed. CDD 808.3

ITAMAR MATEUS MUNIZ DE MELO

HOMENS NA LITERATURA BRASILEIRA: MASCULINIDADES ORA NEGADAS,
ORA INCORPORADAS

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

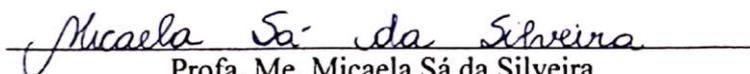
Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 10 / 06 / 2019

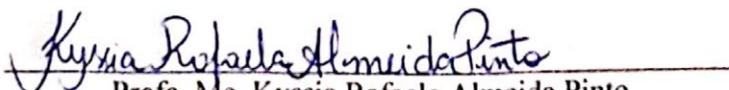
BANCA EXAMINADORA



Prof. Doutor Antônio de Pádua Dias da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Micaela Sá da Silveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Kyssia Rafaela Almeida Pinto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Pai, Mãe
A vós, dedico.

E agora, José?

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem
nome,
que zomba dos
outros,
você que faz
versos,
que ama, protesta?
e agora, José?*

*Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?*

*E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de
febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e
agora?*

*Com a chave na
mão*

*quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no
mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?*

*Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não
morre,
você é duro, José!*

*Sozinho no escuro
qual bicho-do-
mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?*

(Carlos Drummond
de Andrade)

SUMÁRIO

1. Considerações iniciais	7
2. Masculinidades como um gênero plural.....	9
3. Patriarcado e a invenção do “homem de verdade”	11
4. Masculinidades na literatura brasileira	15
5. Considerações finais.....	26
Referências bibliográficas.....	28

HOMENS NA LITERATURA BRASILEIRA: MASCULINIDADES ORA NEGADAS, ORA INCORPORADAS

Itamar Mateus Muniz de Melo¹

RESUMO

Uma das grandes discussões do final do século XX e início do século XXI, nos estudos de gênero, consistia no *boom* da crise do masculino. Atualmente, a problemática gira em torno da construção das novas masculinidades. Diante disso, esta pesquisa centra-se nos códigos e práticas culturais masculinistas, principalmente para responder à questão: o que restou ao personagem masculino da literatura atual, entendido como pós-moderno, pós-patriarcado e pós-crise? Quais são seus comportamentos? Defende-se que os personagens mudaram, tanto acompanhando uma tendência de época cuja bravura e outros aspectos do homem tradicional não são tão necessários à cultura de gênero masculinista atual, quanto incorporando comportamentos que não eram considerados de homens. Portanto, o objetivo foi analisar quais comportamentos foram abandonados e quais foram incorporados aos personagens masculinos atuais. Para isso, comparou-se personagens de cinco romances, dois contemporâneos: *Por enquanto... Outra Estação* (SILVA, 2014), *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012) e três com masculinidades tradicionais: *São Bernardo* (RAMOS, 2012), *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019) e *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2019). Trabalhou-se com teorias comportamentais masculinas, a partir de Cushnir, Mardegan Jr. (2001); Nolasco (1995, 1997) e Albuquerque Junior (2003); e teorias que discutiram personagens na literatura contemporânea, à luz de Dalcastagnè (2001).

Palavras-chave: Gênero; Comportamento; Literatura Contemporânea; Código de Masculinidade.

¹ Graduando no Curso de Licenciatura em Letras Português, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: itarmatt10@gmail.com

MEN IN BRAZILIAN LITERATURE: MASCULINITIES SOMETIMES DENIED, SOMETIMES INCORPORATED

ABSTRACT

One of the great discussions of the late twentieth and early twenty-first centuries in gender studies was the boom of the male crisis. Nowadays, the problem revolves around the construction of new masculinities. Thus, this research focuses on masculinist cultural codes and practices, mainly to answer the question: what behaviors have been abandoned and incorporated into the masculinities of postmodern literature? It is argued that characters changed behavior, both following an age-old trend whose bravery and other aspects of the traditional man are not as necessary to the current masculinist gender culture, while embodying behaviors that were not considered to be of men. Therefore, the objective of this work was to analyze which behaviors were abandoned and which were incorporated to the current male characters. For this, the characters from five novels were compared, two contemporaries: *Por enquanto... Outra Estação* (SILVA, 2014), *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012) and three that bring traditional masculinities: *São Bernardo* (RAMOS, 2012), *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019) and *Grande sertão: veredas* (ROSA, 2019). We worked with male behavioral theories, from Cushnir, Mardegan Jr. (2001); Nolasco (1995, 1997) and Albuquerque Junior (2003); and theories that discussed characters in contemporary literature, in the light of Dalcastagnè (2001).

Keywords: Gender; Behavior; Contemporary Literature; Masculinity Code.

1. Considerações iniciais

O deslocamento das massas sociais periféricas para o centro e a integração desse centro pelas margens, certamente, trouxe várias problemáticas ao mundo chamado pós-moderno. Essa descentralização das esferas sociais, segundo Hutcheon (1991), se deu em todas as instâncias, sobretudo no âmbito cultural, pois esse “movimento off-centro encontra-se na contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico” (p. 89). A autora coloca que há uma tendência para a valorização do pertencente à margem, através da tomada de voz dos marginalizados, chamados por ela de “off-centro”. Neste processo, a cultura de gênero, que foi durante muito tempo “off-centro”, se tornou, muitas vezes, o cerne das discussões nos embates sociais.

Essa problematização sobre a importância de se discutir gênero vem sendo colocada em pauta desde 1960, com a ascensão dos movimentos feministas. Assim, pessoas marginalizadas por questões de gênero ganharam, gradativamente, notoriedade e respeito. Contudo, segundo Arilha (1998), os homens, durante algum tempo, foram deixados de lado dessa discussão, uma vez que a atenção estava voltada aos estudos sobre feminilidade e mulher². Um dos pioneiros a tratar a masculinidade como gênero foi Robert W. Connell, durante as décadas de 1980 e 1990.

A partir dele, diversos assuntos sobre o homem adentraram aos estudos de gênero. Corroborando-os, há toda uma tendência social e cultural, iniciada pelo declínio do sistema patriarcal e, por consequência disso, a instauração da crise do masculino. Esses foram debates importantes na virada do século XX para o XXI. A literatura, imbuída das tendências da pós-modernidade, trouxe representações dessas masculinidades pós-patriarcado, na medida em que os personagens masculinos atuais distanciam-se do perfil do herói virtuoso, contrapondo-o, pois assumem masculinidades que não oferecem valores, exemplos de vida, virtudes e bravura, conforme Dalcastagnè (2001).

O poema de Drummond (1992) *E agora, José?* da epígrafe mostra uma face do que será discutido neste trabalho: um homem que perdeu “tudo” e cujas máscaras sociais caíram. Sendo assim, há de se indagar: o que restou ao homem atual, entendido como pós-moderno, pós-patriarcado e pós-crise? Quais são seus comportamentos? O problema desta pesquisa

² Segundo a autora, levantando um dado do artigo: *Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas: perioización y perspectivas* de Enrique Gomariz do ano de 1992, foi registrado a existência de 1.300 itens bibliográficos sobre masculinidade. Entretanto, não teve a mesma repercussão dos movimentos feministas, por isso a masculinidade não adentrou no debate gênero, nessa época, sendo trazida à tona apenas cerca de 20 anos depois.

centra-se nessas questões. Para responde-las, levantou-se a hipótese de que houve uma espécie de deslocamento: Diversas práticas culturais consideradas como “coisas de homem” foram descartadas pelos personagens da literatura atual. Além disso, vários aspectos comportamentais rejeitados por não serem considerados de “macho” pelo homem do patriarcado (demonstração de afeto, sexualidade não hétero, covardia, reconhecimento e respeito pelos direitos das mulheres) foram incorporados pelo “novo homem”, constituindo novas masculinidades.

A tese defendida é que tais incorporações e rejeições comportamentais desses personagens masculinos contemporâneos são motivadas por uma tendência de época. As sociedades chamadas de pós-modernas são marcadas pela degradação de valores morais, éticos e religiosos que moldavam as sociedades do passado. Portanto, a literatura, entendida como uma entre as muitas manifestações culturais, acompanhou o “espírito de época”, trazendo personagens masculinos que se distanciam do ideal do patriarcado e se aproximam do “novo-homem”.

Com base nesses levantamentos, o objetivo desta pesquisa é analisar os comportamentos dos personagens masculinos da literatura brasileira de três épocas distintas, segunda metade do séc. XIX, primeira metade do séc. XX e décadas iniciais do séc. XXI, a fim de mostrar quais foram abandonados e quais foram incorporados pelos personagens atuais. Para isso, utilizou-se os personagens Paulo Honório de *São Bernardo* (RAMOS, 2012), Bentinho de *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019) e Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2019) como representantes das masculinidades patriarcais, comparando aspectos de virilidade e macheza aos do velho³ de *Por enquanto... Outra Estação* (SILVA, 2014) e do anônimo professor de educação física⁴ de *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012), os quais são representações das masculinidades atuais.

A justificativa deste trabalho reside na importância, para os estudos de gênero e literatura contemporânea, de entender como se configuram as novas masculinidades da ficção brasileira, tendo em vista que as tendências de época não são mais as mesmas. As três obras representantes das masculinidades tradicionais são de um período cuja cultura e valores eram diferentes das tendências culturais que contextualizam as masculinidades contemporâneas. Portanto, as demandas sociais para o homem e para o narrador que fala sobre personagens masculinos são outras e, logo, a discussão revela masculinidades ainda pouco exploradas na literatura contemporânea.

³ Ao longo do romance, a voz narrativa dirige-se ao protagonista como “velho”.

⁴ O protagonista não tem o nome revelado pelo narrador.

Tendo em vista o alcance da proposta, é necessário trabalhar com duas linhas teóricas: a que diz respeito às masculinidades e a que concerne às tendências da literatura pós-moderna. Para a primeira, foi usado o conceito de masculinidades de Robert W. Connel (1995), e teóricos que as analisem a partir dos comportamentos como Cushnir, Mardegan Jr. (2001); Nolasco (1995, 1997); Jablonski (2001) e Albuquerque Junior (2003). Para a segunda, empregou-se teorias que trabalhem mais especificamente com personagens da literatura atual, a partir de Dalcastagnè (2001).

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: inicialmente, será apresentado o conceito de masculinidades como um gênero plural em contraposição ao conceito arcaico de que existia uma única masculinidade. Posteriormente, será feito um breve apanhado da estrutura e ideias patriarcais, mostrando o que significava ser homem dentro dessa sociedade e o declínio desse sistema, trazendo a crise do masculino que resultou em um cenário de mudança para as masculinidades. Este apanhado teórico-histórico é necessário para o entendimento das ideias e contextos das obras, durante a comparação entre as práticas culturais e códigos de masculinidades dos personagens. Por fim, serão realizadas algumas considerações e reflexões acerca da comparação, observando o que as tendências contemporâneas trouxeram ao “novo-homem” e como essa perspectiva começa a alterar o cenário analítico e crítico da literatura contemporânea quanto a essa questão de gênero.

2. Masculinidades como um gênero plural

Quando se fala em homem, está no inconsciente coletivo que a narrativa acerca desse sujeito deve ter elementos heroicos, fale sobre alguém que seja virtuoso e heterossexual. Nesse cenário, é impossível falar em masculinidades como pensava Connell (1995). Esta descrição é parte de um senso-comum que faz referência ao homem patriarcal, ao herói descrito nas epopeias homéricas, além disso está presente no discurso a tríade entre o sexo biológico, gênero e sexualidade⁵. Assim, para falar de “homem de verdade”⁶, no senso-

⁵ Tríade significa um conjunto de três categorias interligadas. Falar em tríade com relação a sexo, gênero e sexualidade descreve um cenário pré-cultura de gênero, no qual para o sujeito ser considerado “homem de verdade”, deveria nascer com pênis, assumir o papel de provedor e se relacionar com mulheres. Dessa forma, cumpria seu papel biológico, como se o comportamento e a sexualidade dependessem do sexo. Atualmente essa tríade é entendida como uma tripartição arbitrariamente direta, haja vista que sexo não condiciona, obrigatoriamente, gênero ou sexualidade, logo não possuem uma ligação, conforme as teorias de gênero. Por isso, quando nos referirmos a sexo-gênero-sexualidade como tríade, estamos associando a um cenário patriarcal, pré-cultura de gênero; quando for tripartição, será em ligado ao cenário atual.

⁶ A expressão “homem de verdade” é usada por Nolasco (1997) para referir-se ao homem da sociedade patriarcal, que deveria estar dentro da tríade sexo-gênero-sexualidade, assumindo o papel de provedor da casa, hétero, violento, sem nenhuma fraqueza e virtuoso, estando abaixo apenas de Deus. O termo, ao longo do trabalho, terá variantes, como “homem patriarcal” ou “macho”.

comum, é preciso haver uma amalgama dessa tripartição sexo-gênero-sexualidade e ter a narrativa centralizada e idealizada no herói. Segundo Jablonski (2001), “Todos esses anos de condicionamento social nos fizeram associar masculinidade à independência, autonomia, autoconfiança, liderança e agressividade.” (p. 158) O que há ao redor ou não cabe nesses parâmetros, ou seja, não é “macho”. Para o autor, não seria possível discutir masculinidades em sua multiplicidade, contemplando outras variantes do homem, visto que este se constitui como único e inteiro.

Corroborando a ideia de Jablonski (2001), mas dando ênfase à discussão de gênero, Nolasco (1995) afirma que “o masculino percebido como um clichê se sustenta no argumento biológico. É recente desconsiderá-lo desvinculado do sexo.” (p. 25) A junção entre sexo, comportamento e desejo criou, como o autor nomeia, um clichê, trazendo ao imaginário popular que a categoria homem consiste apenas nessa ligação. A ascensão dos estudos de gênero, entretanto, possibilitou a separação dessa tríade sexo-gênero-sexualidade, por isso, atualmente, o “homem de verdade” conceitua apenas uma categoria das masculinidades.

Essas “masculinidades” foram difundidas nos estudos de gênero, como um conceito, por volta das décadas de 1980 e 1990 por Robert W. Connell. Para Connell (1995), “a masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional.” (apud GARCIA, 2001, p. 36). Esse pensamento toma as masculinidades como gênero, pois tem em sua essência um ponto de vista comportamental em diferentes instâncias. Isso trouxe à tona a questão de que, se forem pensadas como um gênero, é possível perceber variações comportamentais dentro das masculinidades, a depender do contexto sociocultural dos homens. Souza (2009), citando Connell (1995, p. 77-78), diz que o autor questiona a unicidade do gênero “ao apontar para a multiplicidade das masculinidades, isto é, por diferenciados padrões que serão caracterizados como masculinidades hegemônicas, de subordinação, de cumplicidade e marginalizadas.” (p. 125). Essas masculinidades não são grupos distintos, todos os homens são hegemônicos, o que há é a subordinação intragênero. Dentro do gênero masculino, existem os líderes que assumem o papel pleno da hegemonia, são os homens da linha de frente das classes sociais, porém esse é apenas um dos papéis exercidos. Além desse tipo, existem masculinidades que são subordinadas, cúmplices e marginalizadas⁷, entretanto, essas, por não terem comportamentos que as configurassem como

⁷ Garcia (2001), citando Connell (1995) explica esses três tipos divergentes do hegemônico. A subordinação da masculinidade se dá em casos intragenero, pois são subordinadas a partir da sua sexualidade (hétero superior ao homossexual), de acordo com sua posição social (homens burgueses soberanos os menos afortunados), e conforme sua etnia (homem branco subordinando o negro). As masculinidades podem ser subordinadas com violência legal ou discriminação de classe ou de gênero. As masculinidades entendidas como cúmplices são

pertencentes à soberania masculina, distanciavam-se do “homem de verdade”, não assumindo o papel hegemônico. Todavia, com os estudos sobre masculinidades, elas foram trazidas ao debate.

Sendo assim, neste trabalho, será utilizada essa concepção de masculinidades como um gênero multifacetado, podendo os homens desempenharem diferentes papéis sociais. As masculinidades serão comparadas de acordo com seus comportamentos subjetivos, observando os conflitos internos que surgem na busca das identidades. Relacionais, frente às masculinidades ou às feminilidades, haja vista que, conforme Garcia (2001), essas categorias de gênero não podem ser definidas sem referências umas às outras. Além desses, será problematizado sobre seus comportamentos sociais, tomando como base as condutas dos personagens frente às imposições da sociedade para o homem.

3. Patriarcado e a invenção do “homem de verdade”

Nem sempre houve esse entendimento sobre masculinidades como um gênero plural, muito menos de que a tríade sexo-gênero-sexualidade pudesse ser separada. Isso faz referência ao patriarcado, configuração social que organizava a sociedade da seguinte forma:

a) o pai como a Ordem, b) a mãe como o Outro da Ordem e submissa a esta, c) o filho homem (que deveria ser o primogênito) substituindo e reforçando a Ordem paterna, inclusive tendo sob controle a mãe e os irmãos menores, uma vez que herda simbolicamente a ideia de único herdeiro dos bens paternos, d) a virilidade para o homem e a “prenhez” para a mulher, e) a relação sexual de base exclusivamente heterossexual, f) as relações interpessoais acontecendo prioritariamente entre o grupo étnico branco, g) o poder religioso atribuído unicamente ao catolicismo, h) a luta pela honra e pela virtude. (SILVA, 2007, p. 11)

De acordo com a descrição do autor, essa era a estruturação da sociedade brasileira até a primeira metade do séc. XX, onde tudo girava em torno da figura do Pai burguês e seguia os regimentos da Ordem da Igreja Católica. Havia uma organização à luz de pressupostos morais e éticos que ditavam as experiências das pessoas enquanto sujeitos sociais. Nesse cenário, a liberdade, dentro do que interpretava-se como moral à época, era concedida apenas ao homem hegemônico. No entanto, apesar dessa conduta masculina ser forjada nos contextos sociais burgueses, chegava às classes mais populares e estas assimilavam os códigos comportamentais para homens e mulheres. A partir dessa apresentação, destaca-se o que

definidas por homens que possuem compromissos conjugais que vão além de apenas dominar das suas esposas, a cumplicidade se dá também em relação às outras masculinidades, pois um homem pode ser cúmplice quando aceitar fazer este papel ao macho hegemônico. As masculinidades marginalizadas são constituídas na intrarelção de masculinidades dentro das subordinadas.

significava ser homem nesse contexto. Segundo Cushnir e Mardegan Jr (2001), ser homem em um cenário patriarcal consistia em ter uma vida heroica, estoica, ter um caráter inabalável, todos os momentos deviam ser vistos como momentos de decisão, o homem deveria ser macho, sem sentimentalismos, mostrando virilidade e dominação. Corroborando essa ideia, Souza (2009), citando Oliveira (2004), expõe as contribuições vindas da Alemanha e Inglaterra modernas para “a tradição puritana que pregava um ideal de masculinidade com a permanência do ‘controle sobre as paixões, a moderação e a pureza sexual e mental.’” (p. 47). Sobre esse modelo a ser seguido, Nolasco (1995) afirma que “o padrão de comportamentos que os qualificam como homens se aproxima dos exigidos para máquina” (p. 21). Os autores apontam para uma “perfeição” exigida para o homem tradicional, seu papel social e demandas de época exigiam de si um comportamento heroico e frio. Ao mesmo tempo em que deveria demonstrar virilidade, deveria esconder seu lado afetivo, pois isso estava para as mulheres: comportamentos sentimentais, conflituosos eram considerados sinais de fraqueza, e a fraqueza não era cabível ao macho. Homens fracos ou sentimentais, nesse caso, não eram considerados “homens de verdade”.

Além desses aspectos subjetivos e sociais, era papel do macho demonstrar uma potência de dominação que oprimisse a mulher, mas esses comportamentos opressores “não são necessariamente, ou em seu todo, dirigidos à mulher, mas, muitas vezes, ao homem, ao opositor real.” (RAMIREZ, 1995, p. 77). Para o autor, dentro da sociedade patriarcal, há uma lógica de sobrevivência: o homem deveria oprimir a mulher, mas, sobretudo, outros homens, que são seus adversários do grupo hegemônico. Essas masculinidades oprimidas são as que não assumiam o papel de subordinador, configurando-se subordinadas, cúmplices e marginalizadas.

Mesmo com o homem tradicional para defendê-lo, esse sistema entrou em colapso, isso aconteceu muito antes da ascensão dos movimentos feministas, que são considerados como a grande bomba que atingiu os alicerces do patriarcado. Albuquerque Junior (2003) diz que, da década de setenta do século XIX aos anos trinta do século XX, a sociedade brasileira passava por um conflito de identidade, tornando-se ora industrial, ora burguesa ou individualista. O autor ainda diz que, dentro dessa transição identitária, surge a ameaça ao sistema patriarcal, pois as massas marginalizadas como os escravos, por exemplo, estavam imbuídas de um surto igualitário, que pode ser exemplificado pelos negros que nasciam nessa época e não estavam destinados a essa condição, permeando o centro cultural em busca de

igualdade⁸. Ainda que fosse um pensamento utópico à época, essas novas funções e situações sociais trouxeram uma crise ao sistema patriarcal, pois o que seria do homem burguês sem mão de obra gratuita e tendo que conviver com pessoas totalmente diferentes do ideal deste período? Esse desejo de igualdade é consequência da importação de valores e promessas estrangeiras. Sobre isso, Albuquerque Junior (2003) afirma que:

Essa ameaça de nivelamento social era reflexo das promessas de igualitarismo que nos chegava do estrangeiro, principalmente com o comunismo, que, segundo Júlio Belo, em memória publicada em 1935, ‘empolgava pelas promessas de fácil satisfação dos mais grosseiros gozos da vida à imaginação do povo miúdo.’ E pela ‘promessa de todos se tornarem proprietários sem trabalho e sem obrigações futuras.’ (p. 34)

Era insustentável a situação do patriarcado frente a um movimento que rompia com os valores que regiam a sociedade. Segundo o autor, a importação de ideias que visavam a igualdade social foi um dos pontos que colocou a vida patriarcal em uma linha tênue existencial. No entanto, apenas a partir de 1960 pode-se reconhecer, de fato, uma barreira para diminuir a força desse sistema: a ascensão dos movimentos feministas, pois “a luta da mulher por igualdade de direitos interferiu decisivamente na figura do ‘machão’”. (CALDAS; QUEIROZ, 1997, p. 152) Essa luta consistia em reivindicações como a liberdade das amarras dos maridos, que significava trabalhar fora do lar e igualdade de gênero, a partir do reconhecimento de que a feminilidade é uma construção social, historicamente subordinada, necessitando de equanimidade de direitos e deveres.⁹

Nesse cenário caótico para o patriarcalismo, instaurou-se uma crise nas bases regentes da sociedade que agora estava observando os valores e a moral da época mudarem, o resultado disso foi a crise do masculino, que não se limita à subjetividade dos homens, mas à debilidade do sistema patriarcal, colocando o declínio do sistema e a crise do masculino numa relação de causa e consequência. Segundo Nolasco (1997), “a crise masculina transcende uma abordagem individual. Ela se define também como parte de uma crise nos valores sociais.” (p. 15), ou seja, a partir do momento em que a moral e a ética exigidas para o comportamento dos homens, entre os séculos XIX e XX, deixou, em partes, de existir, o homem perdeu sua bússola de identificação. Isto significa dizer que o golpe atingiu a espinha dorsal, pois não existiam mais valores para manter as sociedades nos trilhos patriarcais, por isso esse homem seguidor de regras perdeu-se diante de um mundo cujo controle não estava apenas em suas

⁸ Essa igualdade não fazia referência a privilégios, mas apenas a direitos e liberdade.

⁹ Essas questões não serão aprofundadas, haja vista que o intuito dessa discussão é apenas dar um panorama do que foi o patriarcalismo e como ele perdeu sua força.

mãos. Nolasco (1997) pontua que a sociedade atual paira sobre um vácuo moral, cujos valores são:

O *materialismo*, essa busca desenfreada por reconhecimento pessoal através do dinheiro; o *hedonismo*, que se caracteriza pela negação dos ideais e de sentido da vida e sua substituição pela busca de sensações novas e excitantes; a *permissividade*, que cria um clima de vale-tudo e elimina qualquer possibilidade de luta por ideais que estejam além dos indivíduos; o *relativismo*, que se articula com a permissividade, predispondo à existência de uma ética da subjetividade, em que cada um pode criar suas próprias regras a cada momento. (p. 15)

Esse conjunto de valores pós-modernos significa o fim das regras sociais, da moral e da ética do patriarcado, pois fazem referência ao prazer, à individualidade e ao não seguimento obrigatório da ordem da Igreja. Isto fez com que a masculinidade patriarcal caísse em uma espécie de terreno movediço, pois quanto mais relutavam para sair desse vácuo moral, mais eram afundadas na esperança de trazer de volta uma estrutura social arcaica à nova era, considerando que a tendência de época mudou. Sendo assim, o homem, pela primeira vez na história, não é mais o único vanguardista, é um espectador frustrado vendo o controle do mundo que construiu ser compartilhado.

A partir disso inicia-se um processo de mutação, a crise do masculino, na qual homens buscam modos para se colocarem nesse mundo. Mesmo com essa confusão de valores, houve algumas saídas lógicas para a situação. A primeira delas consistiu em uma mudança relacional: na indagação de que se há uma nova mulher, é necessário um “novo-homem”, isto se tornou uma demanda social. Nesse ponto, o homem passou a ter mais noção da necessidade da igualdade de direitos em relação à mulher.

As mudanças, contudo, não podem ser restritas ao campo relacional com a mulher, pois a queda dessas regras comportamentais fez o homem conhecer um mundo de experiências antes restritas para ele, trazendo outra saída lógica para a adequação ao mundo atual. A partir disso, afirma-se que há um conjunto de reformulações subjetivas às masculinidades, sobretudo no campo dos sentimentos que eram direcionados à mulher. O homem, segundo Cushnir e Mardegan Jr (2001), necessitava de máscaras para camuflar dos olhos da sociedade suas fraquezas, “a máscara é uma forma de o homem não expor os traços mais íntimos de sua personalidade a qualquer um, de modo a preservá-los para si mesmo e permanecer seguro, em sua interação com outros seres humanos.” (p. 13). A necessidade dessas máscaras impostas pelo patriarcalismo diminuiu com as mudanças socioculturais, pois não existia, em partes, mais uma razão plausível pela qual o homem deveria esconder seus sentimentos ou conflitos. Para Nolasco (1995), o homem, agora, estava autorizado a viver experiências que não eram permitidas ao indivíduo intitulado como macho, pois o

enfraquecimento do patriarcalismo trouxe novas possibilidades de subjetivação masculina. Todavia, esses comportamentos representavam ainda fraqueza e relacionados à mulher, por isso a nomenclatura crise do masculino, visto que tinham espaço para se subjetivarem de formas além das impostas pelo patriarcado, mas os homens e a sociedade não sabiam lidar com isso, tanto é que masculinidades com esse tipo de comportamento eram consideradas como afeminadas, Albuquerque Junior (2003), falando sobre os casos que aconteciam com o homem nordestino, é enfático:

Tipos de homens barbados, fortes, inteligentes e simpáticos mesmo, se diluíram, se apagaram na vida, apática e preguiçosamente. Tornaram-se homens de palmas das mãos moles e mulherengas, feitos para viver na sombra da casa-grande como ‘filhos de papai’. [...] Neste processo de desvirilização dos homens, eles vinham perdendo, portanto, um dos traços definidores da masculinidade [...] a vontade e o monopólio do mando, do exercício da autoridade e da explicitação do poder. (p. 48; 49)

Embora o sujeito não precisasse mais esconder-se sobre as máscaras do homem patriarcal, ainda existia uma resistência e falta de identificação com a adoção de novas máscaras que fizessem referência a um código de conduta não viril, devido a tantos séculos de condicionamento social.

A máscara trazida pelo patriarcado custa a deixar a face masculina, pois o processo de mudança é lento. Atualmente não se fala mais em sociedade patriarcal, porém esse discurso contemporâneo não é aplicável a toda realidade¹⁰, nem ao sujeito em sua totalidade subjetiva, visto que a aceitação de alguns comportamentos não extinguiu todos os resíduos desse sistema de organização social dentro das masculinidades atuais.

4. Masculinidades na literatura brasileira

Os personagens escolhidos como representantes das masculinidades patriarcais trazem consigo um repertório de ações que os aproximam do proposto pelo patriarcalismo como exemplos do “homem de verdade”. O romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro* (2019) traz a história do narrador-personagem Bento Santiago, o Bentinho, um homem burguês que conta os acontecimentos de sua vida, da infância até à vida adulta, relatando os fatos da trama vivida por ele, Escobar, que é seu amigo, e Capitu, sua esposa. Na visão de Bentinho, Capitu o traiu com Escobar, fazendo com que o protagonista tomasse medidas extremas com relação à mulher e ao filho Ezequiel. O romance traz uma narrativa marcada por algumas

¹⁰ As discussões em torno de um novo homem são restritas as sociedades burguesas. Novas masculinidades é um conceito burguês. Os comportamentos de homens das classes menos afortunadas ainda trazem traços fortes do patriarcado, uma vez que precisam cumprir suas obrigações como provedor, não tendo nem tempo nem condições para a subjetivação de outra forma, e a mulher, na maioria dos casos, precisa cuidar dos filhos e da casa. Assim, ambos assumindo os papéis tradicionais.

problemáticas sociais, como a relação entre pessoas e classes diferentes, haja vista que Capitu não era filha da burguesia, e a demonstração do que estava no imaginário da época sobre a quebra da monogamia pela mulher que, embora não comprovada textualmente, é o motor do romance.

No mesmo seguimento de representantes de personagens masculinos tradicionais, o romance *São Bernardo* (2012) de Graciliano Ramos, nos traz o narrador-personagem Paulo Honório, um homem que cresceu com a dureza da vida nordestina, foi órfão e trabalhou desde a infância para sobreviver. Após adaptar-se ao modo de vida local e entender que a violência era parte dos negócios, tornou-se dono da fazenda São Bernardo. O protagonista conta a história ao seu modo, com uma linguagem fria, bem como sua personalidade. Casa-se com Madalena, tendo em vista a procriação da espécie, mas é aturdido pelas suspeitas de traição da esposa, demonstrando violência e perturbação diante da situação.

Riobaldo, protagonista de *Grande sertão: veredas* (2019), é um jagunço que vive com seu bando nas matas do sertão mineiro sob o comando de Zé Bebelo. A narrativa conta a jornada que Riobaldo e seu bando de jagunços percorrem para vingar Joca Ramiro, que foi morto por Hermógenes e Ricardão, os quais são intitulados na obra como “os judas”. Uma das problemáticas da obra é afeto entre homens, pois o protagonista vive um dilema entre ter sentimentos afetuosos por Diadorim, seu companheiro de bando, e se colocar como macho.

Partindo para os personagens masculinos da literatura contemporânea, o romance de Daniel Galera, *Barba ensopada de sangue* (2012), traz um protagonista anônimo, que possui uma doença chamada prosopagnosia, que consiste na não memorização das faces. A história centra-se na busca por respostas sobre a morte do seu avô. O rapaz é professor de educação física e assim ganha a vida, que não é fácil, pois o narrador traz uma história marcada por frustrações e dificuldades. O suicídio do pai, a traição da ex-noiva com seu irmão, o último pedido do pai não atendido, a frustrante busca por respostas do avô, o afastamento e a descrença em seres metafísicos, mas a crença em destino são elementos que permeiam a obra e fazem o professor abandonar tudo para ir em busca de respostas.

O outro personagem escolhido para representar as masculinidades da literatura atual é o velho de *Por enquanto... Outra estação* de Antônio de Pádua (2014). As vozes que narram o texto não o dão nome, apenas referem-se a ele como velho. A narrativa gira em torno dele e Dalton, filho caçula, que é deixado pelos irmãos, já casados, para cuidar do pai. O velho tem a doença de *Alzheimer* e, assim como a doença, a história é perpassada por suas memórias, as quais revelam como fora sua vida e como chegou ao estado atual, com suas aventuras extraconjugais homoafetivas, desde jovem até encontrar o grande amor, Moisés, pelo qual

apaixona-se e faz sua família sucumbir. O romance aborda questões como a velhice, afeto entre homens e quebra de imposições sociais para o homem.

Pensar a literatura como uma escrita de representações de masculinidades, e estas entendidas na perspectiva de gênero multifacetado, que difere da imagem do homem tradicional, só foi possível com o declínio do sistema patriarcal, com isso ela deixou de representar apenas um tipo de homem, abraçando outras possibilidades existentes. Defende-se a tese de que as mudanças do comportamento dos homens e suas masculinidades foram dadas em função de tendências que regem o mundo contemporâneo. Para delinear a ideia central, comparou-se os valores e práticas culturais de personagens que representam as masculinidades arcaicas aos das novas masculinidades.

Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada. Quando, porém, tornava a casa e via no alto da escada a criaturinha que me queria e esperava, ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro. [...] As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, enquanto os homens iam fumar. Então eu perguntava a mim mesmo se alguma daquelas não teria amado alguém que jazesse agora no cemitério, e vinham outras incoerências, até que o pano subia e continuava a peça. O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público. [...] Aqui está o que fizemos. Pegamos em nós e fomos para a Europa, não passear, nem ver nada, novo nem velho; paramos na Suíça. Uma professora do Rio Grande, que foi conosco, ficou de companhia a Capitu, ensinando a língua materna a Ezequiel, que aprenderia o resto nas escolas do país. Assim regulada a vida, tornei ao Brasil. Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e sequidão. As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas; pedia-me que a fosse ver. Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes, como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião. (ASSIS, 2019, p. 228; 232; 238)

E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro. Mas logo me enjoava do pensamento feroz. Que rendia isso? Um crime inútil! Era melhor abandoná-la, deixá-la sofrer. E quando ela tivesse viajado pelos hospitais, quando vagasse pelas ruas, faminta, esfrangalhada, com os ossos furando a pele, costuras de operações e marcas de feridas no corpo, dar-lhe uma esmola pelo amor de Deus. [...] Afirmei a mim mesmo que matá-la era ação justa. Para que deixar viva mulher tão cheia de culpa? Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos. As minhas mãos contraíam-se, moviam-se para ela, mas agora as contrações eram fracas e espaçadas. - Fale, exclamei com - Para quê? - Há uma carta. Eu preciso saber, compreende? Meti a mão no bolso e apresentei-lhe a folha, já amarrotada e suja. Madalena estendeu-a sobre a mesa, examinou-a, afastou-a para um lado. - Então? - Já li. A vela acabou-se. Acendi outra e fiquei com o fósforo entre os dedos até queimar-me. (RAMOS, 2012, p. 114; 124)

Parabéns. Fico feliz por ti.
Fica mesmo?
Claro, Viv. Tu tá feliz, né. Tu queria isso.
Queria.

Então eu também fico feliz. Consigo ver isso independente de todo o resto. Eu sabia que ia acontecer. Sabia que um dia tu ia me procurar pra contar isso. [...] O Dante resolve mudar para São Paulo e um mês depois tu consegue uma proposta de trabalho lá. Tu sonhava há muito tempo com isso, pra te tirar daquela provinciazinha sufocante, como tu dizia, como uma casa com teto baixo que te forçava a andar curvada. E tu tem razão. Pra uma pessoa como tu, Porto Alegre é pequena. Eu não podia ir contigo naquele momento porque tava treinando para o mundial no Havai. Que era o sonho da minha vida. E que era algo que eu não podia interromper de jeito nenhum indo pra São Paulo sem mais nem menos. Aí o Dante consegue alugar um baita de dum apê não sei onde e nos convida pra morar com ele no início e tu me pergunta se eu me importaria se tu fosse antes. Se eu me *importaria*. Que era a mesma coisa de pedir permissão. Acho que foi nesse momento que vi tudo. Era bem simples de ver. Cada coisa que se formava naquele instante, tirando as historinhas que a cabeça inventava, as vontades, o que a gente gostaria que acontecesse, pegando só a realidade mesmo, cada coisa tinha uma consequência. Não era nenhum quebra-cabeça. Porque eu sabia que o Dante gostava de ti. (GALERA, 2012, p. 414; 416)

Nestes três fragmentos, há posições dos personagens Bentinho, Paulo Honório e do anônimo professor de educação física, frente a suspeitas ou traições vividas. Este aspecto liga as obras de Ramos, Assis e Galera, mas o comportamento de Bentinho e Paulo Honório, quanto às práticas culturais de afeto ferido, são diferentes do comportamento do professor, na medida em que os dois primeiros trechos mostram a violência destes personagens em busca de lavar sua honra, devido às suspeitas de traição: “Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos.” (ASSIS, 2019, p. 228). Bentinho, movido por ciúme, cogita matar Capitu e o filho, sua ideia ganha força ao longo da narrativa, mas o protagonista desiste dela, abandonando a ambos na Europa e mantendo as aparências do casamento para os amigos no Brasil, conforme vê-se no trecho:

Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes, como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião. (ASSIS, 2019, p. 238)

Na mesma linha comportamental, Paulo Honório planeja matar Madalena como forma de vingança pelas suspeitas de traição, “E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro.” (RAMOS, 2012, p. 114). Percebe-se no discurso do protagonista o desejo de vingança, pois sua honra estaria sendo ferida caso a traição fosse confirmada. Além disso, corroborando a ideia de Bentinho do afastamento, o protagonista afirma que, no lugar de matar “Era melhor abandoná-la, deixá-la sofrer. E quando ela tivesse viajado pelos hospitais, quando vagasse pelas ruas, faminta, esfrangalhada, com os ossos furando a pele, costuras de operações e marcas de feridas no corpo, dar-lhe uma esmola pelo amor de Deus.” (RAMOS, 2012, p. 124). Ou seja, em qualquer um dos casos, seria necessário que Madalena

pagasse com sua vida por ter manchado a honra de Paulo Honório e, neste segundo caso, seria ainda humilhada pela posição social do homem, do qual receberia apenas a esmola.

Contrapondo o comportamento dos personagens Bentinho e Paulo Honório, o protagonista de *Barba Ensopada de Sangue* não tem ideias de violência com relação a sua ex-noiva que o deixou pelo irmão, demonstrando, inclusive, compaixão com a atual situação deles, conforme indicado no início do terceiro trecho: “Parabéns. Fico feliz por ti. / Fica mesmo? / Claro, Viv. Tu tá feliz, né. Tu queria isso. / Queria. / Então eu também fico feliz. Consigo ver isso independente de todo o resto.” (GALERA, 2012, p. 414). Percebe-se um comportamento novo diante da traição, fato que aponta para um homem cujos valores ou códigos de masculinidades definidos se distanciam das práticas de masculinidades vistas em Assis (2019) e Ramos (2012).

Além disso, diferentemente dos outros dois casos anteriores, o fragmento da obra de Galera deixa claro que o envolvimento entre o irmão e a noiva era perceptível ao professor, mas ele não a prende, não a impede e nem deseja matá-la. O protagonista é enfático ao revelar:

O Dante consegue alugar um baita de dum apê não sei onde e nos convida pra morar com ele no início e tu me pergunta se eu me importaria se tu fosse antes. Se eu me importaria. Que era a mesma coisa de pedir permissão. Acho que foi nesse momento que vi tudo. [...] Não era nenhum quebra-cabeça. Porque eu sabia que o Dante gostava de ti. (GALERA, 2012, p. 416)

O professor tem conhecimento do afeto de ambos, mas não vê Viviane como sua propriedade ou submissa a ele, incomodando-se com o fato dela perguntar se ele se importaria com o fato dela abandona-lo para morar com seu irmão em São Paulo.

Além dessa ótica sobre a mulher como um sujeito livre, a monogamia rompida entre Viviane e o professor é vista diferentemente dos casos de Bentinho e Paulo Honório, pois romper com isso nos contextos sociais deles significaria o fim, não apenas do casamento, mas, em alguns casos, da vida da mulher como cogitam os protagonistas. Essa prática cultural de violência em relação à mulher frente a uma situação de traição é um ato comum nas sociedades patriarcais. Ramirez (1995) afirma que o homem deveria estar sempre atento a traições, por isso os personagens estavam em guarda, não permitindo nenhum declínio da sua imagem com alguma traição, estando pronto para lavar a honra a qualquer momento. A mulher, nesse cenário, estava sob a ordem do Homem, tornando-se propriedade dele, não reconhecida como sujeito social livre, mas sim como subordinada à estrutura patriarcal.

O caso da traição em *Barba Ensopada de Sangue*, entretanto, não é visto como motivo para violência, haja vista que o professor está inserido em um contexto sociocultural em que a

monogamia, embora não abandonada, é vista como algo quebrável, sobretudo no que concerne ao rompimento por parte das mulheres, tendo em vista que trair no contexto patriarcal, faria cair sobre elas toda a violência do homem com honra ferida.

Essas práticas sociais divergentes, trazidas nas obras analisadas, representam um cenário de mudança do pensamento humano. Os valores mudam de uma época para outra, no caso dos romances analisados, há três obras de diferentes contextos, as de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos foram produzidas em épocas cujos valores eram dados a partir da hegemonia masculina, nada poderia abalar tal sistema. No caso de *Barba ensopada de Sangue*, as práticas culturais e os valores são outros, não existe mais a Ordem plena dos costumes patriarcais. Dessa forma, a literatura, acompanhando as tendências de época, traz situações que representam o cenário sociocultural do momento.

As posições socioculturais em relação ao entendimento sobre as mulheres e costumes como a monogamia mudaram, mas não é apenas isso que faz o professor, que representa uma masculinidade atual, ter seu comportamento diferente. Pode-se compreender essa mudança de pensamento no trecho de Galera (2012), haja vista que não há indícios de violência. Entretanto, as vozes que narram os trechos de Ramos (2012) e Assis (2019) dão vida à violência nos seus imaginários quando o assunto é ter sua honra manchada pelo status de “cornio”. Por esse viés, nota-se uma mudança subjetiva no que diz respeito aos modos do professor se colocar frente a situações que subtraíam sua honra, o que o tornaria covarde ou menos homem no contexto patriarcal. Todavia, situando-se no contexto pós-moderno, o protagonista de *Barba Ensopada de Sangue* descarta comportamentos de violência diante da traição, não se preocupando em limpar sua honra, por causa do acontecimento, com o sangue da ex-noiva e do irmão. Contudo, essa nova masculinidade constituída através do comportamento do professor era incogitável para Bentinho ou Paulo Honório, pois, segundo Nolasco (1995), “excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual.” (p. 18), ou seja, eles precisavam se afirmar como machos héteros através desses aspectos mostrados pelo autor, mas isso não é uma preocupação para o professor, pois a violência é descartada sem que em nenhum momento isto o perturbe com sua posição de macho heterossexual.

Outros comportamentos, além do ponto de vista relacional com a mulher e frente a situações de traição, são importantes para entender a construção das masculinidades dos personagens atuais. Cushnir e Mardegan Jr (2001) afirmam que a máscara do patriarcado está deixando a face masculina, a qual recebeu novas máscaras da pós-modernidade. Uma dessas

máscaras do patriarcado é a da sexualidade hétero, pois o status de macho viril era dado apenas ao homem nos moldes da tríade sexo-gênero-sexualidade. Os protagonistas Riobaldo de *Grande Sertão Veredas* (ROSA, 2019) e o velho de *Por Enquanto... Outra Estação* (SILVA, 2014) trazem à tona a problemática sobre as práticas de afeto, virilidade e sexualidade.

Eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar; e, agora aquela hora, eu não apurava vergonha de se me entender um ciúme amargoso. [...] O que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. [...] Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação o cheiro ele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava referido, na fantasia da ideia. Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio dos meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um ao outro. E tudo impossível. (ROSA, 2019, 33; 35; 412)

(Pronto, disse. Me ferrei todinho. É agora ou nunca. Não tem problema. Diga o que quiser, não me importo. Quero ser o otário mesmo. Quero ser rapariga. Mulher ruim, não é assim que dizem? Que se fodam todos os que poderiam me julgar. Que importância moral ou política teria eu em ajudar um ex-ficante, lavando suas roupas e fazendo comida para ele. Ia. Bastava me convidar. Bastava querer. Bastava dar um sinal e uma porta para o outro mundo iria se abrir para mim. Bastava dizer sim, sem casório. Bastava dizer não à solidão. Bastaria um “vem”, um chamado sem ligação, um toque sem pegação, um afeto permitido. Na verdade, bastava um olhar sem ser invasor, um aperto de mão sem calor, um despedir-se do outro no abraço sem os abraços dos braços. Bastaria, ai meu Deus, era tudo que eu queria...) [...]

- E quem disse que eu falaria algo do tipo? Acaso virou adivinho? Hein, meu magro, belo com esta boca que mais parece uma flor inchada de tanto vermelho! Ah, Moses, você é mais do que preciso [...] Depois que te encontrei não quero amar a mais ninguém. Quero ficar contigo todos os dias que eu puder viver pra testemunhar em minha pele esse prazer que é a vida.

- Ah, meu velho, eu nunca soube o que era amar um homem! Depois de você, primeiro e somente você. Me sinto a melhor pessoa do mundo tendo você comigo. [...] – E quando vai voltar de vez, ficar comigo, me fazer companhia? Prometo que caso. No dia em que vier de vez, caso.

- Você sabe que não posso, Moses, como iria abandonar a família, a mulher, tudo?

[...] Dava-se conta e que estava amando e que não haveria nada que pudesse segurar o rompante que deixaria de obliterar sua forma de ser. Estava liberto. (SILVA, 2014, p. 110; 118; 119; 132)

Correntes impostas pela vida, quebrar correntes e viver a plenitude, são essas as duas definições dos trechos das obras de Graciliano Ramos e Antônio de Pádua. O protagonista Riobaldo, um jagunço que vive guerreando nas matas do sertão mineiro, passa por conflitos internos ao deparar-se com seu afeto por Diadorim, outro jagunço do seu bando, “o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria” (ROSA, 2019, p. 33). Há, no discurso de Riobaldo, um impasse que não o permitia gostar de Diadorim como desejara, pois estava em jogo a virilidade de um macho que deveria impor medo, o qual estava associado à heterossexualidade, no sentido de que afeto e desejo por outro homem daria traços femininos a ele, tornando-o, moralmente, fraco para seu bando e aos inimigos.

Albuquerque Junior (2001), sobre o homem que vive nesse contexto sociocultural, diz que ele “será definido, acima de tudo, como uma reserva de virilidade, um tipo masculino, um macho exacerbado, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminização da sociedade” (p. 231). Nesse caso, há uma tese de que os machos nordestinos, cangaceiros, lutam pela não feminização da sociedade, mas o cenário afetivo do romance é uma espécie de antítese, pois o protagonista direciona seu afeto e desejo para outro homem. Levando em conta estas considerações, percebe-se o contexto ao qual Riobaldo pertence, por isso sua angústia, “dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um ao outro.” (ROSA, 2019, p. 419). Analisando a construção sociocultural e, do ponto de vista do narrador personagem, não seria tarefa fácil chegar a uma síntese entre demonstrar macheza e amar outro homem. Em outras palavras, seria impossível desprender-se das amarras que mantinham encarcerado o amor de Riobaldo por Diadorim, uma vez que eram dois jagunços e deveriam demonstrar virilidade, esta não associada ao relacionamento afetivo entre homens, renunciando, dessa forma, a felicidade.

O caso do velho, não obstante, traz uma situação que se contrapõe à vivida por Riobaldo. Três são os pontos que os unem: afetividade, virilidade e sexualidade como aspectos que interferem na felicidade dos protagonistas. Mas estas características possuem formas de construção distintas, pois o protagonista do romance de Antônio de Pádua opta por viver sua sexualidade de modo mais aberto, plural. Destaca-se que, do mesmo modo que Riobaldo tem sua posição de viril em jogo, o velho possui sua posição social, esposa e filhos, “você sabe que não posso, Moses, como iria abandonar a família, a mulher, tudo?” (SILVA, 2014, p. 119). Embora em contextos diferentes, ambas são equivalentes, haja vista que o velho ocupava a posição de pai que, conforme Silva (2007), era a ordem da estrutura familiar,

ou seja, a posição de mais importância social. Observando por este ângulo, o comportamento do protagonista de *Por enquanto... Outra Estação* deveria seguir os mesmos rumos de supressão afetuosa de Riobaldo, porém o velho escolheu viver o desejo latente que o fizera entregar-se a Moisés:

- Hein, meu magro, belo com esta boca que mais parece uma flor inchada de tanto vermelho! Ah, Moses, você é mais do que preciso [...] Depois que te encontrei não quero amar a mais ninguém. Quero ficar contigo todos os dias que eu puder viver pra testemunhar em minha pele esse prazer que é a vida. (SILVA, 2014, p. 118)

O sentido que se pode retirar do discurso do velho é o de alguém que está *enamorado*, vivendo o auge da paixão. Além disso, não se percebe preocupação com a virilidade no ato de apassivar-se, “*Quero ser rapariga. Mulher ruim, não é assim que dizem? Que se fodam todos os que poderiam me julgar.*” (SILVA, 2014, p. 110). Opondo-se a Riobaldo, que se preocupa com sua posição de jagunço e mascara o desejo por Diadorim, o velho destrona a virilidade tradicional para dar lugar à sexualidade constituída no plural, distante de camisas de força do desejo.

O comportamento do velho com relação à sexualidade foi decisivo para sua plenitude, pois precisaria deixar tradições de lado para viver o desejo. O livre trânsito relacional entre corpo e afeto, nesse caso, foi assumido sem preocupação no que diz respeito à virilidade de macho, a qual impunha apenas a heterossexualidade, excluindo outros modos de viver o corpo e o afeto. Trevisan (1997), sobre a relação corporal entre homens, afirma que ela “acirra as contradições no sentido de tirar a máscara do masculino imposto, apontando para um masculino temperado por nuances nas quais cabem o frágil e o sensível.” (p. 87). Nesse sentido, o velho, ao assumir a performance plural, incorpora uma nuance homossexual e troca sua máscara que era unicamente do pai de família que precisava esconder seus sentimentos e sexualidade para manter um status social. Esta situação apresentada no romance pode ser explicada pelo que Nolasco (1995) coloca como de tendências da pós-modernidade, quando diz que o *hedonismo*, que consiste na negação de valores pela busca plena do prazer, é um dos norteadores desse momento. Sendo assim, o espírito de época fez-se de cupido para juntar o velho e Moises. Todavia, Riobaldo e Diadorim estavam distantes de uma tendência cultural na qual a relação entre homens fosse vista como aceitável para as masculinidades, por grande parte da população.

Outra problemática que aparece nas obras concerne ao afeto, negado por Riobaldo, mas incorporado pelo velho. Discutir os códigos de conduta masculinos tomando como base sua relação com os sentimentos é um ponto crucial para entender como o homem atual

enxerga questões como a fraqueza, haja vista que ela, tradicionalmente, é relacionada à sentimentalidade. Em um cenário patriarcal, assumir ou demonstrar sentimentos afastaria o homem de sua valentia viril, pois esta era associada aos que negavam seu lado afetivo. Nolasco (1995), falando sobre o desenvolvimento do menino, diz que, “desde criança, ele é estimulado a se afastar de suas ‘experiências interiores’, ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz.” (p. 22). Ou seja, o sujeito masculino é, desde a infância, estimulado a ser mais exterior (questões de violência, desempenho e virilidade) do que interior (sentimentos), não apenas escondendo seu lado afetivo, mas não sabendo lidar com ele, haja vista que estava associado à fraqueza e, comportamentos assim, relacionados à feminilidade. Todavia, destaca-se a importância que o velho dá aos seus sentimentos em prol da sua felicidade, independentemente de preocupação com valores que, segundo as ideias patriarcais, fariam do sujeito um “homem de verdade”, “Quero ficar contigo todos os dias que eu puder viver pra testemunhar em minha pele esse prazer que é a vida.” (SILVA, 2014, p. 118), o protagonista, além de demonstrar, entrega-se ao sentimento, que está alinhado ao prazer e à felicidade. Além disso, apassiva-se em nome das performances que cada um se propôs a assumir na relação: “A manhã foi proveitosa. Depois do afeto refeito, de uma forte relação sexual, foi até a cozinha, preparou o almoço e lavou as cuecas do homem da casa. A partir de então, passou a frequentar Moises como a chama de sua vida.” (SILVA, 2014, p. 116). A escolha por dar vazão ao sentimento e sexualidade, trouxe ao velho o apassivamento na relação, assumindo o papel que, do ponto de vista patriarcal, é destinado à mulher. Trevisan (1997) afirma que “para um macho típico, não há nada pior o que ser dominado sexualmente.” (p. 55). Contudo, há uma problemática inquietante, contida no que diz respeito ao papel do homem em ser assertivo em suas decisões, demonstrar firmeza e, ao mesmo tempo, não poder assumir seus sentimentos. Não está entre os nossos objetivos discutir quem é mais macho, Riobaldo ou o velho, haja vista que são as tendências de época que permitem ao velho esse afloramento da sua subjetividade em relação aos sentimentos, o protagonista de *Grande Sertão: veredas* não as tinha. Entretanto, não é apenas Riobaldo que não consegue lidar com seu lado afetivo, Paulo Honório vive atormentado com sentimentos que, para ele, são confusos, pois não sabe lidar com eles:

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a Mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranquila. Mas estou assim. Irritado contra quem? [...] Agitam-se em mim sentimentos colerizo-me e enteneço-me; bato vontade de chorar. Aparentemente estou sossegado: as mãos continuam cruzadas

sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito. (RAMOS, 2019, p. 77)

No discurso do protagonista há sentimentos e atitudes totalmente opostas, uma vez que ele está com raiva, sente, inclusive vontade de chorar, mas tal ação não poderia ser feita; em primeiro lugar, porque havia no seu inconsciente que chorar não era coisa de macho e, em segundo lugar, pois não haveria saída, além da violência, para externar essa raiva. A rejeição por demonstrar sentimentos deixa Paulo Honório conflituoso acerca das suas atitudes, por dentro estava sentindo “coisa de mulher”, por fora, a valentia do macho brigão estava inabalável. Embora em situações diferentes, é possível comparar a conduta do velho a de Paulo Honório quanto aos sentimentos, haja vista que o protagonista de *Por enquanto... Outra estação* não está preocupado com sua posição de macho, enquanto Paulo descreve seu lado interior da seguinte forma: “Agitam-se em mim sentimentos colerizo-me e entorneço-me; bato vontade de chorar.” (RAMOS, 2012, p. 77). Entretanto, não os externa como no plano textual, mas sim como um “homem de verdade” deveria sentir, “Aparentemente estou sossegado: as mãos continuam cruzadas sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito.” (RAMOS, 2012, p. 77), ou seja, com violência e estranhamento da situação. Nesse sentido, o velho, um representante das masculinidades atuais, viu-se com liberdade para deixar que a máscara do macho valentão que nada sentiria pudesse cair, assim, incorporando e vivendo com novas práticas masculinas como a liberdade para o desejo e afetividade, descartados por Riobaldo e Paulo Honório.

Dalcastagnè (2001) faz uma definição precisa que ajuda a entender os comportamentos dos personagens da literatura contemporânea:

Às personagens foram subtraídas as vestes e outras marcas de identidade, talvez elas tenham ganho um bem mais precioso: a palavra sobre si. Monólogos interiores, fluxo de consciência, diálogos, às vezes o simples fato de terem se transformado no “ponto de onde se vê” permitem uma ampliação de seu espaço na narrativa. Podemos não saber muito de sua aparência física, ou de seus apetrechos domésticos, talvez não conheçamos sequer o seu nome, mas temos como acompanhar o modo como elas sentem o mundo, como se situam dentro de sua realidade cotidiana. E pouco importa se sua percepção está obstruída, se seu discurso é falho – tudo isso continua dizendo quem elas são. E diz tanto que acaba falando até do modo como nós a vemos, o que vai dar num acréscimo, ainda que tortuoso, à sua existência. (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 117)

A ideia da autora cria um desenho das características dos personagens velho e do anônimo professor que, por suas condutas, são típicos contemporâneos. Dando ênfase a isto, destaca-se que os narradores nem seus nomes citam, pois há coisas mais relevantes como, por exemplo, o modo como eles se situam no mundo atual. Dalcastagnè (2001) pontua sobre a

queda das marcas de identidade dos personagens, mas essas identidades são omissas por um motivo: os contemporâneos que foram analisados representam o processo que as masculinidades estão vivendo no mundo pós-patriarcado, tentando, de alguma forma, usar a tendência da estação, que é a liberdade sobre si, no campo subjetivo, relacional, e social, construindo novas masculinidades a partir de práticas culturais opostas à masculinidade patriarcal. Como foi perceptível, os sentimentos e a liberdade afetiva e sexual caíram muito bem para o velho, da mesma forma que a não-violência ou covardia diante da traição caiu muito bem para o professor, pois lhes trouxeram a felicidade e paz que só um sujeito que conhece a si o suficiente pode ter.

5. Considerações finais

Diante da análise das obras, observou-se que a construção do masculino nos moldes patriarcais era uma tarefa árdua, haja vista que Riobaldo, Bentinho e Paulo Honório estavam o tempo todo em vigilância, deveriam estar prontos para mostrar sua macheza, com comportamentos violentos e de negação de suas afetividades. No mais, quando não era possível evitar, não sabiam lidar com os sentimentos, se não com violência, que é a reação mais comum frente a um cenário de medo, revelando o desconhecimento acerca do seu interior. Os comportamentos analisados dizem respeito ao campo relacional, à valentia, à honra, aos sentimentos e à sexualidade masculina. Esse conjunto de fatores, em uma sociedade com valores patriarcais, definiria quem seria ou não macho, dessa forma não haveria saída para essas masculinidades, uma vez que os homens deveriam provar sua virilidade.

As tendências da pós-modernidade, entretanto, possibilitaram novos comportamentos às masculinidades. Como constatou-se, tanto o velho quanto o professor demonstram aspectos que nunca entrariam nos moldes patriarcais. O anônimo professor compreende a traição e, embora não goste, não reage com violência, não se importa com sua honra ou com a covardia de deixar isso acontecer. O velho, seguindo o mesmo caminho de encontrar novas maneiras de subjetivação, não se importa com a virilidade de macho, pelo contrário, assume seus sentimentos contrários à sexualidade hegemônica ou padrão. Além, disso, percebeu-se que não há uma preocupação em ser menos macho por causa desses comportamentos, os personagens vivem plenos com as maneiras que escolheram. A partir desse ponto, a ideia central de que os personagens mudaram seguindo uma tendência de época foi confirmada, na medida em que há, atualmente, liberdade para que eles possam dar vazão à sexualidade que

quiserem, ao sentimento, bem como negar práticas culturais que sejam necessárias para afirmar valentia e virilidade, como a violência.

Ressalta-se que esses comportamentos não são um padrão para afirmar que os personagens da literatura contemporânea possuem tais características comportamentais, pois a discussão gira em torno das masculinidades, um conceito que tem significado plural como alma e, por consequência disso, não é possível afirmar se são finitas ou infinitas. Todavia, este trabalho serve como um início de um caminho para um possível mapeamento de identidades masculinas na literatura brasileira. Além disso, os comportamentos desses protagonistas que representam as masculinidades atuais deixam algumas problemáticas. A título de ilustração, pode-se pensar na não negação de um valor como a virilidade, mas sim na sua ressignificação, haja vista que o homem viril não poderia fugir de problemas, e esses personagens contemporâneos são machos suficientes para assumir e incorporar o que os outros descartaram, para não perder o *status* de macho. Quem seria macho de verdade, então? Além disso, ao que parece, o herói da literatura não morreu, apenas a Guerra de Troia foi trocada pelas problemáticas contemporâneas.

De qualquer forma, essas são questões para investigações futuras na literatura. Por enquanto, os personagens estão acompanhando a tendência sociocultural atual, incorporando e descartando comportamentos que consideram válidos ou não para sua experiência como sujeitos, pois “- Se eu quero, é! Se estou falando de mim, inventando minha vida, construindo um lugar de felicidade para mim e se os meus atos nada ferem ao outro, posso [...] viver ao meu modo.” (SILVA, 2014, p. 152).

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ARILHA, Margareth. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In.: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G; MEDRADO, Beatriz (orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. 34. ed. São Paulo: ECOS, 1998, p. 55-77.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. vol. 32. Porto Alegre: L&PM, 2019.

CALDAS, Dário; QUEIROZ, Mário. O novo homem: comportamento, moda e mercado. In.: CALDAS, Dário (org.). **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 147-162.

CUSCHNIR, Luiz; MARDEGAN JR, Elyseu. **Homens e suas máscaras**: a revolução silenciosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. **Diálogos Latinoamericanos**. Aarhus, nº 3, p. 114-30, 2001.

GALERA, Daniel. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

GARCIA, Sandra Maria. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In.: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G; MEDRADO, Beatriz (orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. 34. ed. São Paulo: ECOS, 1998, p. 31-50.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JABLONSKI, Bernardo. A difícil extinção do boçalossauro. In.: NOLASCO, Sócrates (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 156-164.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In.: ____ (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.

_____. Um “Homem de Verdade”. In.: CALDAS, Dário (org.). **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 13-30.

RAMIREZ, Rafael L. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In.: NOLASCO, Sócrates (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 75-82.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Por enquanto... Outra Estação**. São Paulo: Scortecci, 2014.

_____. Representações do masculino no imaginário do cordel. **Revista Investigações: Linguística e teoria literária**. Recife, v. 19, n. 1, p. 9-34, 2007.

SOUZA, Márcio Ferreira de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). **DOSSIÊ – Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais**. Londrina, v. 14, n. 2, p. 123-144, 2009.

TREVISAN, José Silverio. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In.: CALDAS, Dário (org.). **Homens: comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade**. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 51-92.

Agradecimentos

Deus, obrigado pelo maior dom já criado, a vida! Agradeço pela oportunidade de existir nesse mundo e, sobretudo, viver.

Aos meus pais, Severino Alves de Melo e Vânia Muniz da Silva, agradeço pelo esforço e cada mínimo sacrifício diário para que eu pudesse chegar onde eu estou hoje. O caminho foi doloroso para todos, sobretudo para vocês. Porém, pai, mãe, eu consegui!

À Izabel Muniz de Melo, agradeço pela irmã que és, pelo apoio de sempre e, claro, não poderia deixar de agradecer pelos incessantes e irritantes pedidos para jogar, pois ajudavam-me a relaxar.

A minha namorada, Isadora Maria Gouveia Andrade, agradeço imensamente por todo apoio, carinho, pela paciência comigo nas tantas horas difíceis, pela compreensão e afeto. Não poderia deixar de agradecer a ajuda financeira que, embora não fosse sua obrigação, quando era possível, sempre contribuiu. Sim, fui um homem bancado... novas masculinidades!

Ao Prof. Doutor Antonio de Pádua Dias da Silva, deixo minha gratidão por todo conhecimento, auxílio e principalmente pela paciência. Agradeço pela amizade e pelo grande professor que és! Viva à literatura e à cachaça!

Aos Bufólicos Pedro Caio de Sousa Almeida e Armstrong Souto, agradeço pela grande amizade e ajuda durante todo o curso, sobretudo nesta reta final. Devo muito a vocês, meus amigos. Agradeço também aos amigos Gutemberg Barbosa dos Santos, Viviane Nóbrega e Eduarda Karoline nesses anos de curso pelo apoio.

À Profa. Doutora Tatiana Fernandes Sant'ana, agradeço pela oportunidade de estar na Residência Pedagógica. Obrigado por te confiado no meu potencial.

À Profa. Lucrécia Dias e todos os colegas da Residência Pedagógica pelo apoio.

À turma 2015.2 por esses incríveis 4 anos juntos.